

TOPONÍMIA: TEORIA GERAL E ANÁLISE QUANTITATIVA DOS LITOTOPÔNIMOS DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL CATALOGADOS NO ATEMS

Ana Lúcia Ribeiro

UEMS

Ana Paula Tribesse Patrício Dargel

UEMS

Resumo: Este trabalho apresenta uma discussão sobre um estudo dos litotopônimos cadastrados no banco de dados do Projeto ATEMS (Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul). Os litotopônimos são os nomes próprios de lugares originários de minerais e relativos à constituição do solo. A partir da análise da formação linguística (estrutura morfológica, etimologia, língua de origem e motivação) dos nomes próprios de lugares, observaram-se os condicionantes ambientais e sócio-linguístico-culturais sedimentados pelo(s) denominador(es) no ato do batismo dos acidentes físicos e humanos na nomeação de córregos, rios, serras, fazendas, povoados, municípios situados em Mato Grosso do Sul. Os resultados desta pesquisa foram organizados de forma quantitativa e qualitativa em relação aos nomes de lugares selecionados.

Palavras-chaves: Toponímia, Litotopônimos, ATEMS.

Abstract: This study presents a discussion on registered Lytotoponyms in the database of the ATEMS Project (Toponymic Atlas of the State of Mato Grosso do Sul). Lytotoponyms are the proper names of places derived from minerals and the constitution of the soil. From the analysis of language training (morphological structure, etymology, language of origin and motivation) of the proper names of places, it was learned the influence of environmental and sociocultural-linguistic conditions sedimented by the denominator(s) in the act of baptism of physical and human accidents in the nomination of streams, rivers, mountains, farms, villages, and counties in the state of Mato Grosso do Sul. The results of this research were quantitatively and qualitatively organized in relation to the names of the selected places.

Keywords: Toponymy, Lytotoponyms, ATEMS.

Introdução

Conceder nomes têm possibilitado, desde a criação do mundo, uma identificação diferenciada e, até mesmo, especificar algo ou alguém que, de certo modo, manifesta-se igual aos da mesma espécie. Desse modo, o ato de nomear tem feito, desde os primórdios, e a todo o momento, parte do cotidiano de todo e qualquer grupo humano. Nesse sentido, designar nomes permite individualizar, particularizar, classificar e identificar pessoas e lugares.

A ciência que estuda os nomes próprios é a Onomástica, que se divide em dois ramos principais: a Antroponímia – estudo dos nomes próprios de pessoas e a Toponímia – área de investigação que tem como objeto de estudo os nomes de lugares. Ullmann (1977, p. 148) fez algumas considerações sobre a Onomástica, ao afirmar que, ao se estudar os nomes próprios, é possível compreender “muitos aspectos da história política, econômica e social”. Nessa perspectiva, entende-se que, ao se pesquisar e analisar os nomes próprios de lugares ocorre um resgate que favorece o estudo da cultura e da história de um povo.

Aos nomes geográficos¹ dá-se o nome de topônimos, que são signos linguísticos não somente arbitrários, e sim motivados utilizados para denominar acidentes geográficos físicos como: rios, córregos, cabeceiras, morros, serras, montanhas, etc. e acidentes humanos como: municípios, distritos, vilas, aldeias, povoados, etc. Partindo-se desses pressupostos, vale pontuar que este trabalho se fundamenta na tese de que o signo toponímico é motivado e que essa motivação é determinada por fatores extralinguísticos, isto é, por meio das características físicas do lugar ou por meio de impressões, crenças e sentimentos do nomeador. Sendo assim, considera-se que a realidade circundante influencia muito o designador no momento da nomeação do lugar. Como afirma Dick (1992, p.18), o topônimo possui uma dimensão maior, uma vez que “o que era arbitrário em termos de língua,

¹ Os nomes geográficos nomeiam ou identificam um determinado espaço geográfico.

transforma-se, no ato do batismo de um lugar, em essencialmente motivado, não sendo exagero afirmar ser essa uma das principais características do topônimo”.

A evolução dos estudos toponímicos

Os primeiros estudos e pesquisas sobre Toponímia surgiram na França com Auguste Longnon, em 1878, momento em que a Toponímia se estabeleceu como uma disciplina científica. Nesse período, o processo era o de reconstrução histórica de línguas antigas com o dado auxiliando essa teoria e não o fato toponímico², ou seja, não se analisava a motivação existente por trás de um acidente geográfico (topônimo) denominado pelo falante. Nesse aspecto, os estudos eram voltados às pesquisas de natureza filológica, em que eram investigados apenas aspectos históricos e transformações fonéticas dos nomes.

Durante muito tempo, as pesquisas toponímicas foram norteadas basicamente por investigações de cunho etimológico e histórico do signo. O campo de investigação da Toponímia, atualmente, não se limita apenas ao aspecto linguístico ou etimológico, sendo que, no ato da nomeação, diferentes fatores motivam e influenciam na escolha de um denominativo. Tais motivações podem ser tanto de ordem físico-ambiental - quando um acidente é nomeado em razão de sua própria característica, como também, de ordem antropocultural - no que diz respeito à cosmovisão pessoal do nomeador, ou seja, pelo modo que o indivíduo ou o grupo vê ou interpreta o espaço ao redor.

Nessa perspectiva, a pesquisa toponímica de uma região exige que se leve em conta também, dentre outras ações, o resgate da motivação por trás da escolha do

² Por meio dos estudos toponímicos, conclui-se que a nomeação de um lugar não se dá de maneira aleatória ou despropositada. Essa nomeação ao ser investigada, além de revelar importantes informações referentes à língua, também revela os fatores motivadores no processo da denominação ligados aos aspectos históricos, culturais, econômicos, sociais, políticos etc. da região pesquisada. Sendo assim, o campo de investigação toponímica não se limita ao aspecto linguístico ou etimológico.

designativo. Desse modo, estudos mais recentes passaram a considerar, em algumas circunstâncias, além dos fatores linguísticos, também os fatores extralinguísticos como, por exemplo, a cultura de um grupo, as suas crenças e os seus valores éticos e morais. Tanto é que, em 1922, Albert Dauzat muda o rumo dos estudos toponímicos, pois começa a investigar o fato, ou seja, a demonstrar a origem e o sentido dos nomes ao tentar recuperar, além da etimologia, o significado do topônimo. Dargel (2003, p. 54) assinala que a Toponímia, por intermédio das pesquisas de Dauzat, apresenta-se como uma disciplina organizada, pois, em princípio, investiga a origem e o significado dos nomes e, em seguida, julga o método das áreas com duas grandes coordenadas: o tempo e o espaço.

A Toponímia, atualmente, trabalha com o espaço e não apenas com o lugar. Considerando a questão do espaço, lembramos que o texto do toponimista é o mapa, pois é, principalmente, por meio da leitura do mapa, que o pesquisador extrai os dados para a análise da toponímia de uma região. Desse modo, a Toponímia está intimamente relacionada à Semiótica e considera o mapa não como uma lista de nomes, mas sim como uma fonte de informação para descobrir elementos intra e extralinguísticos que podem auxiliar no conhecimento do povo de uma localidade (DARGEL, 2003, p. 54).

Levy Cardoso foi quem realizou os primeiros estudos toponímicos no Brasil ao pesquisar a respeito da toponímia indígena no Amazonas. Em seguida, Theodoro Sampaio desenvolveu um trabalho mais abrangente no território brasileiro, no qual investigou e analisou os topônimos da língua Tupi.

Em 1985, Carlos Drummond, pesquisador também brasileiro, impulsiona os estudos referentes à Toponímia, na Universidade de São Paulo (USP). Previamente, os estudos toponímicos no Brasil eram voltados somente aos topônimos de origem tupi. Drummond rompe com a tradição *tupi mania* a partir da pesquisa sobre a contribuição dos Bororo à toponímia do Mato Grosso. Com isso, outros tipos de estudos ligados à Toponímia passaram a ser desenvolvidos no Brasil.

Em busca de uma classificação mais satisfatória para a motivação toponímica, surge a elaboração de um modelo taxonômico. Nessa perspectiva, em 1954, George Stewart, pesquisador norte-americano, elabora a primeira classificação toponímica com nove taxes. As contribuições de Stewart são consideradas inovadoras, pois sugerem a necessidade de um retrospecto à intencionalidade do denominador no ato do batismo de um acidente, abrindo, pois, vantagem para a averiguação dos fatores extralinguísticos que provavelmente tenham influenciado na escolha do nome. Entretanto, em razão das variedades de sistemas Onomásticos existentes, tal classificação não consegue chegar à resolução de definição, ou seja, o modelo proposto pelo pesquisador norteamericano não é adequado quando aplicado à macrotoponímia.

No Brasil, a sistematização dos estudos toponímicos inicia-se com o modelo teórico elaborado por Dick (1975). A autora apresenta um modelo taxonômico abrangente e relacionado com as características da toponímia brasileira, contendo, pois, 19 (dezenove) taxes. Contudo, mesmo assim, segundo a mesma autora, não foi possível considerar “todas as possibilidades contidas na nomenclatura geográfica brasileira” (DICK, 1992, p. 27). Em função disso, a pesquisadora reorganizou alguns conceitos e subdividiu algumas taxes. Desse modo, o modelo que antes possuía 19 (dezenove) taxes, agora contém 27 (vinte e sete) taxes: 11 (onze) relacionadas com o ambiente físico – taxionomias de natureza física e 16 (dezesseis) relacionadas com os aspectos sócio-histórico culturais que envolvem o homem – taxionomias de natureza antropocultural.

O objetivo deste trabalho é apresentar um estudo sobre a Toponímia em sua bipartição física, pois se atentou a análise em uma das 11 (onze) taxes relacionadas ao ambiente físico: os litotopônimos. Vale informar que este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Letras/Português-Inglês, da unidade Universitária de Cassilândia/Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, orientado por Dargel.

Os Litotopônimos

As unidades lexicais relacionadas aos minerais e às características constitutivas do solo ou dos terrenos ao exercerem função toponímica no que diz respeito às nomeações de acidentes físicos como: rios, córregos, cabeceiras, morros, serras, etc. e acidentes humanos: vilas, povoados, municípios, aldeias, portos recebem o nome de litotopônimos. Geralmente são representados, segundo Dick (1992, p.31), por nomes como: barro: Córrego do Barro (Nioaque); barreiro: Córrego do Barreiro (Água Clara); ouro: Córrego do ouro (Aparecida do Taboado). De acordo com o modelo taxonômico de Dick (1992, p. 31), os litotopônimos pertencem à Taxionomia de Natureza Física.

Taxionomias toponímicas

Taxionomias de *Natureza Física*³

- 1- **Astrotopônimos:** topônimos relativos aos corpos celestes em geral. Ex.: Estrela (Rio/Bela Vista);
- 2- **Cardinotopônimos:** topônimos relativos às posições geográficas em geral. Ex.: Divisa (Córrego/Inocência);
- 3- **Cromotopônimos:** topônimos relativos à escala cromática. Ex.: Verde (Rio/Camapuã);

³ **Taxionomias de natureza física:** caracterizam o ambiente em todos os aspectos que compõem sua formação – rios, córregos, dimensões, formações topográficas, árvores, animais, etc. (DICK, 1992, p. 31-34).

- 4- **Dimensiotopônimos:** topônimos relativos às dimensões dos acidentes geográficos. Ex.: Alta (Cabeceira/água Clara);
- 5- **Fitotopônimos:** topônimos relativos aos vegetais. Ex.: Arrozal (Córrego/Sidrolândia);
- 6- **Geomorfotopônimos:** topônimos relativos às formas topográficas. Ex.: Morro (Córrego/Rochedo);
- 7- **Hidrotopônimos:** topônimos relativos a acidentes hidrográficos em geral. Ex.: Água Limpa (Cabeceira/Pedro Gomes);
- 8- **Litotopônimos:** topônimos relativos aos minerais ou à constituição do solo. Ex.: Areia (Córrego/Porto Murtinho);
- 9- **Meteorotopônimos:** topônimos relativos a fenômenos atmosféricos. Ex.: Raio, do (Córrego /Figueirão);
- 10- **Morfotopônimos:** topônimos relativos às formas geométricas. Ex.: Redondo (Córrego/Naviraí); 11- **Zootopônimos:** topônimos referentes aos animais. Ex.: Arara (Córrego/Caracol).

Taxionomias de *Natureza Antropocultural*⁴

- 1- **Animotopônimos (ou Nootopônimos):** topônimos relativos à vida psíquica, à cultura espiritual. Ex.: Bonita (Cabeceira/Caracol);
- 2- **Antropotopônimos:** topônimos relativos aos nomes próprios individuais. Ex.: Lídia Rezende (Povoado/Rochedo);

⁴ **Taxionomias de natureza antropocultural:** caracterizam as manifestações psíquicas, sociais e culturais do homem, no meio em que se encontra – estado de ânimo, sentimentos, nomes próprios, nomes de cidades, estados, países, títulos (DICK, 1992, p. 31-34).

- 3- **Axiotopônimos:** topônimos relativos aos títulos e dignidades que acompanham nomes próprios individuais. Ex.: Coronel Braga (Ilha/Porto Murinho);
- 4- **Corotopônimos:** topônimos relativos a nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes. Ex.: Fortaleza (Córrego/Campo Grande);
- 5- **Cronotopônimos:** topônimos relativos aos indicadores cronológicos representados pelos adjetivos novo(a), velho(a). Ex.: Nova Esperança (Distrito/Rio Negro);
- 6- **Ecotopônimos:** topônimos relativos às habitações em geral. Ex.: Tapera (Córrego/Água Clara);
- 7- **Ergotopônimos:** topônimos relativos aos elementos da cultura material. Ex.: Carroça (Córrego/Camapuã);
- 8- **Etnotopônimos:** topônimos relativos aos elementos étnicos isolados ou não (povos, tribos, castas).
Ex.: Goiano (Córrego/Camapuã);
- 9- **Dirrematopônimos:** topônimos constituídos de frases ou enunciados linguísticos. Ex.: Passatempo (Povoado/Sidrolândia);
- 10- **Hierotopônimos:** topônimos relativos a nomes sagrados de crenças diversas, a efemérides religiosas, às associações religiosas e aos locais de culto. Ex.: Capela (Povoado/Costa Rica). Essa categoria subdivide-se em: (i) **Hagiotopônimos:** nomes de santos ou santas do hagiológico católico romano. Ex.: Santa Luzia (Povoado/Rio Negro) (ii) **Mitotopônimos:** entidades mitológicas. Ex.: Pai Cuê (Córrego/Juti);
- 11- **Historiotopônimos:** topônimos relativos aos movimentos de cunho histórico, a seus membros e às datas comemorativas. Ex.: Vera Cruz (Vila/Taquarussu);
- 12- **Hodotopônimos:** topônimos relativos às vias de comunicação urbana ou rural. Ex.: Pontinha (Córrego/Rochedo);

13- Numerotopônimos: topônimos relativos aos adjetivos numerais. Ex.: Dois Morros (Córrego/Camapuã);

14- Poliotopônimos: topônimos relativos pelos vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação, arraial. Ex.: Vila Sulina (Povoado/Paranhos);

15- Sociotopônimos: topônimos relativos às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro da comunidade, aglomerados humanos. Ex.: Posto São Pedro (Lugarejo/Bandeirantes);

16- Somatopônimos: topônimos relativos metaforicamente às partes do corpo humano ou animal.

Ex.: Pezinho (Cabeceira/Terenos).

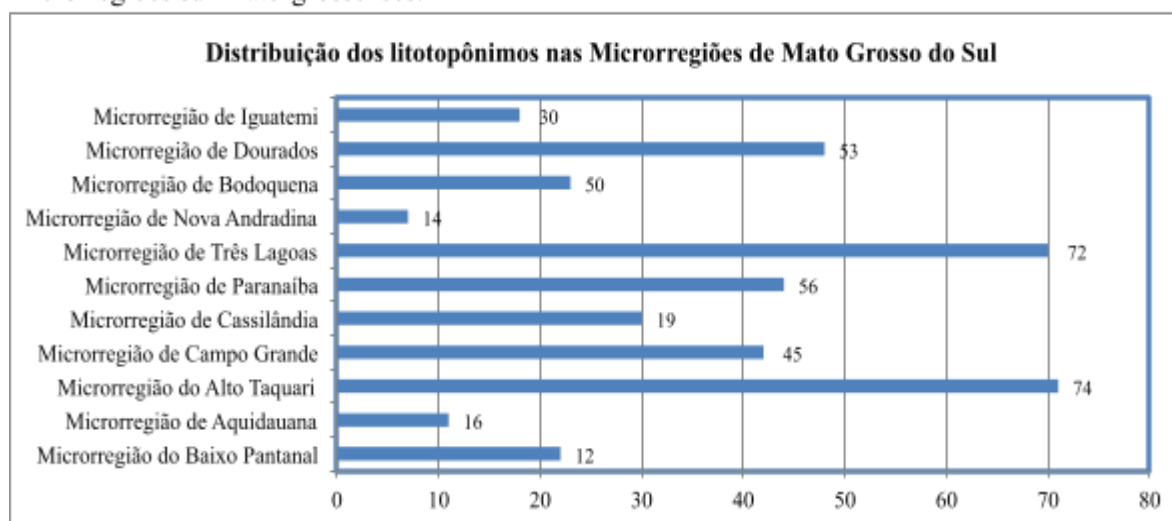
Em relação aos Animotopônimos, Isquierdo (1996), em sua tese de doutoramento, propôs uma ampliação aos Animotopônimos ao modelo taxonômico de Dick (1992) e os subdividiu levando em conta as expectativas positivas ou negativas do denominador perceptíveis no topônimo. Portanto, ao considerar o contexto sócio-histórico e cultural em que foi registrado o nome, esses topônimos podem ser classificados como: Animotopônimo Eufórico e Disfórico (ISQUERDO, 1996, p. 118). São classificados como Animotopônimos Eufóricos os topônimos que revelam aspectos positivos, isto é, agradáveis. Ex.: Bom Sucesso (Povoado/Rio Negro). Já os Animotopônimos Disfóricos referem-se a topônimos que possuem características negativas, isto é, desagradáveis. Ex.: Feio (Córrego/Corguinho).

O modelo apresentado por Dick foi elaborado a partir da realidade toponímica brasileira e, assim, ponderam as especificidades encontradas nas diversas regiões do País. Esse modelo tem orientado as pesquisas em toponímia no Brasil, dentre elas o Projeto ATEMS, ao qual esta pesquisa está vinculada.

Apresentação e análise dos litotopônimos cadastrados no ATEMS

De acordo com os registros na base informatizada do banco de dados do Projeto ATEMS, no Estado de Mato Grosso do Sul, a taxa dos litotopônimos possui 441 (quatrocentos e quarenta e um) topônimos. O gráfico a seguir demonstra a distribuição dos litotopônimos em cada uma das

microrregiões sul-mato-grossenses.



A Mesorregião dos Pantanaís sul -mato-grossense é formada pelas microrregiões do Baixo

Pantanal⁵ e de Aquidauana⁶ e totalizam a ocorrência de 28 litotopônimos. Na Mesorregião Centro Norte, localizam-se as microrregiões do Alto Taquari⁷ e de Campo Grande⁸ que juntas têm 119 litotopônimos. Na Mesorregião Leste, formada

⁵ A microrregião do Baixo Pantanal é formada pelos municípios de Corumbá, Ladário e Porto Murtinho.

⁶ São pertencentes à Microrregião de Aquidauana os municípios de Aquidauana, Anastácio e Dois Irmãos do Buriti.

⁷ Os municípios de Alcínópolis, Camapuã, Coxim, Figueirão, Pedro Gomes, Rio Verde de Mato Grosso, São Gabriel do Oeste e Sonora formam a Microrregião do Alto Taquari.

⁸ Bandeirantes, Campo Grande, Corguinho, Jaraguari, Rio Negro, Rochedo, Sidrolândia e Terenos formam a Microrregião de Campo Grande.

pelas microrregiões de Cassilândia⁹, de Paranaíba¹⁰, de Três Lagoas¹¹ e de Nova Andradina¹², foram registrados 161 litros¹³. As microrregiões de Bodoquena¹⁴, de Dourados¹⁵ e de Iguatemi¹⁶ formam a Mesorregião Sudoeste e totalizam 133 topônimos classificados na taxa analisada. Por meio dos dados do gráfico apresentado, pode-se observar melhor onde se encontram as maiores incidências dos litotopônimos. Observa-se, também, por intermédio do mapa¹⁷ a seguir, onde estão localizadas as microrregiões do estado do Mato Grosso do Sul.

⁹ Pertencem à Microrregião de Cassilândia: Cassilândia, Chapadão do Sul e Costa Rica.

¹⁰ Aparecida do Taboado, Inocência, Paranaíba e Selvíria encontram-se na Microrregião de Paranaíba.

¹¹ Os municípios de Água Clara, Brasilândia, Ribas do Rio Pardo, Santa Rita do Pardo e Três Lagoas constituem a Microrregião de Três Lagoas.

¹² Anaurilândia, Bataguassu e Nova Andradina formam a Microrregião de Nova Andradina.

¹³ Litotopônimos.

¹⁴ Os municípios de Bela Vista, Bodoquena, Bonito, Guia Lopes da Laguna, Jardim e Nioaque representam a Microrregião de Bodoquena.

¹⁵ Amambaí, Antônio João, Aral Moreira, Caarapó, Dourados, Fátima do Sul, Itaporã, Juti, Laguna Carapã, Maracaju, Nova Alvorada do Sul, Ponta Porã e Rio Brillhante são municípios pertencentes à Microrregião de Dourados.

¹⁶ A Microrregião de Iguatemi é formada pelos municípios de Coronel Sapucaia, Eldorado, Iguatemi, Ivinhema, Jateí, Novo Horizonte do Sul, Paranhos, Sete Quedas e Tacuru. ¹⁷ Mapa 04 - Fonte: ATEMS

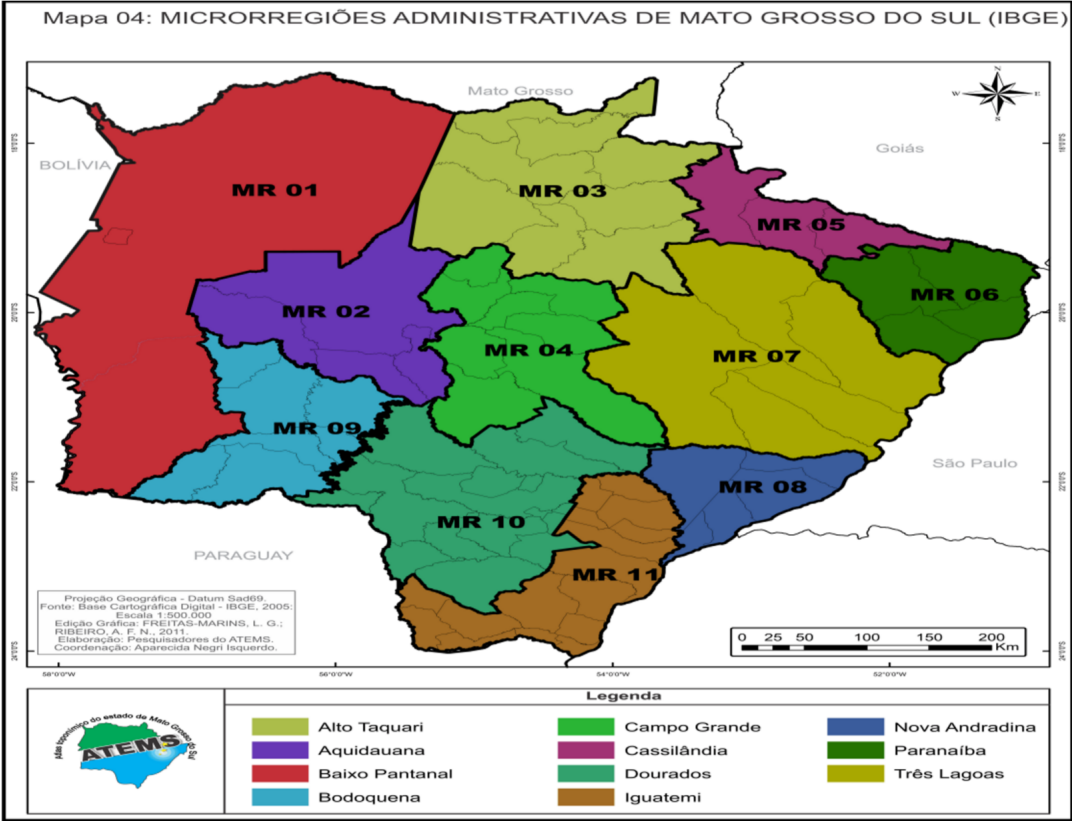


TABELA I - DISTRIBUIÇÃO DOS LITOTOPÔNIMOS EM MATO GROSSO DO SUL SEGUNDO A LÍNGUA DE ORIGEM E A ESTRUTURA MORFOLÓGICA

MICRORREGIÃO	LÍNGUA DE ORIGEM	Nº OCORRÊNCIAS	ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Nº OCORRÊNCIAS
Baixo Pantanal (MR01)	Portuguesa	10	Simples	13
	Tupi	03		
Aquidauana (MR 02)	Portuguesa	16	Simples	15
			Composto	01
Alto Taquari (MR03)	Portuguesa	73	Simples	65
	Tupi	01	Composto	09
Campo Grande (MR 04)	Portuguesa	45	Simples	43
			Composto	02
Cassilândia	Portuguesa	19	Simples	17

(MR05)			Composto	02
Paranaíba (MR 06)	Portuguesa	53	Simples	50
	Espanhola	02	Composto	05
	Portuguesa+tupi	01	Composto híbrido	01
Três Lagoas (MR 07)	Portuguesa	69	Simples	69
	Tupi	03	Composto	03
Nova Andradina (MR08)	Portuguesa	11	Simples	07
	Tupi	03	Composto	07
Bodoquena (MR 09)	Portuguesa	43	Simples	41
	Tupi	06	Composto	08
	Tupi+guarani	01	Composto híbrido	01
Dourados (MR10)	Portuguesa	35	Simples	40
	Tupi	16	Composto	11
	Tupi+guarani	02	Composto híbrido	02
Iguatemi (MR 11)	Portuguesa	08	Simples	10
	Tupi	18		
	Tupi+guarani	03	Composto	17
	Guarani	01	Composto híbrido	03

Com relação à base linguística, os litotopônimos que mais predominam no Estado de Mato Grosso do Sul são os de origem portuguesa. Levy Cardoso (*apud* DICK, 1990, p.94), ao discorrer sobre a presença de designativos portugueses na

toponímia brasileira, descreve o curioso fato de que “Mendonça Furtado foi, por todas as cidades que ia percorrendo, substituindo os nomes indígenas pelos nomes portugueses que a velha saudade lusitana ia sugerindo”. A esse fenômeno, Dick (1990), denominou *topônimo transplantado*, justificando que “(...) topônimo transplantado é o designativo geográfico que existe como tal em determinado espaço e que passa a integrar a nomenclatura de outra região qualquer, trazido pelo próprio povo que emigrou ou influenciado por um mero mimetismo (DICK, 1990, p. 90)”.

Na Mesorregião Sudoeste, onde se localizam as microrregiões de Bodoquena, de Dourados e de Iguatemi encontram-se litotopônimos de línguas diferentes como o Tupi e o Guaraní. A Tabela apresentada demonstra melhor essa informação.

Ainda sobre as diferentes origens da língua, vale lembrar que em vários países da América do Sul e em todos os estados brasileiros, particularmente em Mato Grosso do Sul, nota-se uma presença considerável de nomes de base indígena que nomeiam acidentes físicos e humanos, pois muitas palavras do léxico tupi foram incorporadas ao português, “principalmente no âmbito da nomeação da flora e da fauna brasileira” (DARGEL; ISQUERDO, 2005, p. 313). Tal presença tem sido verificada por meio de pesquisas toponímicas sul-mato-grossenses, vinculadas ao Projeto ATEMS. Porém, os vários nomes de procedência tupi em Mato Grosso do Sul não se justificam em razão de que os índios tupis habitavam o Estado, pois tal fato não ocorrera. Segundo Sampaio (1987, p.71), o motivo pelo qual a língua tupi tenha se espalhado por todo estado de Mato Grosso do Sul foi porque as bandeiras quase só falavam o tupi. Além disso, tais bandeiras eram compostas, em maior quantidade, por índios “domesticados”- os carijós e os tupis que fortificavam as expedições, sendo em quantidade bem maior que os paulistas.

Quanto à estrutura do topônimo, Dick (1992, p.10) considera dois elementos básicos formadores do nome: elemento e/ou termo genérico e elemento e/ou termo específico. O primeiro é “relativo à entidade geográfica que irá receber a denominação”; o segundo, o “topônimo propriamente dito, que particulariza a noção espacial, identificando-o e singularizando-o dentre outras semelhantes”. Dentre os topônimos coletados, foram utilizados para demonstrar essa formação os topônimos: *córrego Pedra Branca* e *córrego Lajeado*. Sendo assim, o *córrego* corresponde ao elemento genérico, das duas formações, e *Pedra Branca* e *Lajeado* aos elementos específicos.

Conforme a discussão teórico-metodológica apresentada por Dick (1992, p. 13), a formação dos topônimos pode ser encontrada sob três formas: *elementos específicos simples, compostos ou híbridos*. Vale informar que os topônimos utilizados como exemplos, fazem parte do *corpus* desta pesquisa, exceto o topônimo relacionado à forma simples híbrido, pois este pertence à taxonomia dos zootopônimos.

i) O *simples*: é formado por um único radical, seja um substantivo ou um adjetivo, pode ser acompanhado ou não de sufixos, tanto diminutivos, como aumentativos ou de demais origens linguísticas. Ex.: Lajeado (Córrego/AF)¹⁷, Lajeadinho (Córrego/AF), Lajeidão (Córrego/AF) e Lages (Distrito/AH)¹⁸.

ii) O *composto*: apresenta mais de um elemento formador, de origens diversas entre si. Ex.: Pedra Branca (Córrego/AF), Barro Branco (Córrego/AF) e Ouro Branco (Localidade/AH).

¹⁷ Acidente Físico.

¹⁸ Acidente Humano.

iii) *O híbrido*: é formado por elementos linguísticos de diversas línguas. A formação que se generalizou no país é a portuguesa + indígena ou indígena + portuguesa. Ex.: Barreiro Puitã (Córrego/AF), Barreiro Ariranha (Ribeirão/AF).

Devido à ocorrência de vários topônimos no Estado de Mato Grosso do Sul, a equipe do ATEMS (Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul), não conseguindo enquadrá-los dentro do modelo de classificação morfológica proposto por Dick (1992) realizaram algumas inclusões no que diz respeito ao último elemento específico de natureza híbrida, sugeriu, assim, uma nova subdivisão: *simples híbrido* é composto *híbrido*.

i) *Simples híbrido*: é formado por um só elemento, porém com mais de um estrato linguístico.

Por exemplo: o topônimo Catingueiro = catinga-tupi + eiro-portuguesa.

ii) *Composto híbrido*: é formado por dois ou mais elementos linguísticos de línguas diferentes.

Por exemplo: Barreiro Puitã = barreiro-português + puitã- guarani).

Vale ressaltar que a equipe do ATEMS, ao incluir essa subdivisão em relação à estrutura morfológica relacionada aos elementos híbridos, teve o apoio de Dick, que a todo o momento argumentou sobre a importância de se verificar os dados e classificá-los conforme a realidade linguística do local em que é observado o topônimo.

Diante de vários nomes que se referem aos minerais e as características do solo sul-mato grossense, os que obtiveram maior produtividade foram os topônimos *Lajeado*, *Barreiro* e suas formas diminutivas *Lajeadinho* e *Barreirinho*, *Pedra (da)*, *Areia* e *Areia (da)*, conforme arrolados no banco de dados do Projeto ATEMS.

Considerações finais

Os litotopônimos registrados no Projeto ATEMS, além de revelarem a influência dos minerais e das características do solo na nomeação de acidentes físicos e humanos, demonstram também que o homem ao nomear os acidentes geográficos não realiza tal procedimento de modo aleatório e despropositado, uma vez que ele observa o ângulo do ambiente, físico ou social, para depois fazer suas denominações. Nessa perspectiva, entende-se que a história de um determinado lugar influencia muito no momento em que se designa um espaço.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATEMS – Atlas Toponímico de Mato Grosso do Sul. *Banco de Dados*. Campo Grande: UFMS, 2011.

DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício. *Entre buritis e veredas: desvendar a toponímia do Bolsão sul-mato-grossense*. (Dissertação de Mestrado) Três Lagoas: UFMS, 2003.

DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício, **ISQUERDO**, Aparecida Negri. A toponímia do bolsão sul mato-grossense e a questão dos estratos linguísticos formadores dos topônimos. In: *Estudos Lingüísticos*. XXXIV. 2005. p. 310-315.

DICK, M. V. P. A. *Toponímia e Antroponímia no Brasil*. Coletânea de Estudos. São Paulo: FFLCH/USP, 1992.

_____. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Edições Arquivo do Estado, 1990.



EDIÇÃO 22 1 SEMESTRE DE 2023

ARTIGO RECEBIDO 01/01/23

ARTIGO APROVADO ATÉ 01/02/23

ISQUERDO, Aparecida Negri. *O fato linguístico como recorte da realidade sócio-cultural*. (Tese de Doutorado). Araraquara: UNESP, 1996.

SAMPAIO, Theodoro. *O tupi na geografia nacional*. São Paulo: Editora Nacional; Brasília, DF: INL, 1987.

ULLMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Lisboa: Fundação Calouste Gubenkian, 1977.